

Fraseologismos dos ciclos da vida nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil: uma análise dialetológica e semântico-lexical de *raspa de tacho*¹

Lígia Sotero Alves²

Resumo

O presente estudo tem como objetivo descrever e analisar o fraseologismo *raspa do tacho*, e suas variações, numa perspectiva dialetal, fraseológica e semântico - lexical, tendo em vista uma abordagem semântico - lexical, sob um viés cognitivo. Para tanto, lançamos mão dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, fazendo uso dos seus pressupostos teórico - metodológicos, descritos por Cardoso (2010) e Paim (2019), assim como da sua rede de pontos, para constituição do *corpus* utilizado. No recorte feito, foram considerados 38 municípios, que constituem os pontos localizados no estado de São Paulo. Nessas localidades, foram recolhidas, *in loco*, a fala de 152 informantes, que estavam divididos em duas faixas - etárias, 18 a 30 anos e 50 a 65 anos, e entre homens e mulheres. Esses informantes possuíam nível de escolaridade fundamental, com exceção da capital do estado, na qual foram considerados, também, informantes do nível de escolaridade universitário. A partir dos dados coletados, foram identificadas 186 lexias, entre as quais destacamos sua produtividade e a ocorrência das estruturas fraseológicas *raspa*, *resto* e *fundo do tacho*. A difusão dos fraseologismos identificados no espaço geográfico permitiu a formação de uma possível subárea dialetal. Além disso, foi possível analisar a construção dessas estruturas, tendo em vista o seu caráter polilexical, sua idiomaticidade, congruência e relativa fixidez, de acordo com as proposições da vertente francesa dos estudos fraseológicos (Mejri, 2002), (Paim; Sfar; Mjeri, 2018) e (Paim, 2020). Por fim, discutimos a construção dessa expressão numa perspectiva do processo de formação de metáforas, que se fazem presentes na linguagem cotidiana dos indivíduos, tomando como base os pressupostos teóricos da semântica cognitiva (Lakoff; Johnson, 2009 [1986]), (Hilferty, 1993) e (Ferrari, 2022).

Palavras-chave: fraseologismos; variação lexical; dialetologia; projeto ALiB; metáforas.

Resumen

¹ Trabalho apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, ministrada pelo Prof. Dr. Ewerton Ávila dos Anjos Luna, como requisito parcial para a conclusão da graduação em Licenciatura em Letras - Português e Espanhol, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, sob orientação da Prof^a. Dr^a Marcela Moura Torres Paim.

² Graduanda em Licenciatura em Letras (Português e Espanhol) pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. E - mail: ligia.sotero@ufrpe.br.

El presente estudio tiene como objetivo describir y analizar el fraseologismo *raspa do tacho*, y sus variaciones, en una perspectiva dialetal, fraseológica y semántico - lexical, teniendo en cuenta un abordaje cognitivo. Para eso, utilizamos los datos del Proyecto Atlas Lingüístico de Brasil - ALiB, haciendo uso de sus bases teóricas - metodológicas, descritas por Cardoso (2010) y Paim (2019), así como su red de puntos, para la constitución del *corpus* utilizado. En el recorte realizado, se consideraron 37 localidades, que constituyen los puntos localizados en el estado de São Paulo. En estas localidades, se recogieron, *in loco*, el habla de 152 informantes, que estaban divididos en dos grupos etarios, 18 a 30 años y 50 a 65 años, y entre los sexos biológicos. Estos informantes tenían nivel de escolaridad fundamental, con excepción de la capital del estado, en la que también se consideraron informantes del nivel de escolaridad universitaria. A partir de los datos recogidos, se identificaron 186 lexias, entre las cuales se destaca su productividad y la aparición de las estructuras fraseológicas *raspa*, *resto* y *fundo do tacho*. La difusión de los fraseologismos identificados en el espacio geográfico permitió la formación de una posible subárea dialectal. Además, fue posible analizar la construcción de estas estructuras, teniendo en cuenta su carácter poliléxico, su idiomática, congruencia y relativa firmeza, según las proposiciones del abordaje francés de los estudios fraseológicos (Mejri, 2002), (Paim; Sfar; Mjeri, 2018) y (Paim, 2020). Por último, discutimos la construcción de esta expresión desde la perspectiva del proceso de formación de metáforas, que están presentes en el lenguaje cotidiano de los individuos, tomando como base las bases teóricas de la semántica cognitiva (Lakoff; Johnson, 2009 [1986]), (Hilferty, 1993) y (Ferrari, 2022).

Palabras - clave: fraseologismos; variación léxica; dialectología; Proyecto ALiB; metáforas.

1 Palavras iniciais

Compreende-se que, biologicamente, o ser humano é dotado da capacidade de comunicar-se por meio da linguagem e, fazendo uso desta, coloca-se como indivíduo socialmente situado. Vale dizer, no entanto, que na utilização da língua, os significados construídos não estão ligados a uma característica imanente da mesma, pois a *significação é trabalho social e surge como a descrição semântica de um ato simbólico* de acordo com o que destaca Marcuschi (2007, p.77).

Tendo em vista os significados que são construídos no uso propriamente dito da língua, buscamos observar, neste trabalho, como os sentidos que se formam nos contextos sociointerativos são atrelados a determinados conceitos, tendo em vista a construção de metáforas. Estas, por seu turno, serão observadas na construção de

estruturas fraseológicas para designação de referentes para a questão 131 do Questionário Semântico-Lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (QSL - ALiB). Busca-se o entendimento a respeito de como os falantes, que são informantes do Projeto em questão, através do uso da estrutura fraseológica *raspa do tacho*, e derivados, designam o termo estudado, que consiste nas denominações para *o filho que nasce por último*.

Procuramos correlacionar esse processo de denominação ao conhecimento metafórico dos indivíduos, uma vez que este está, para além do uso da linguagem, intimamente ligado a como conceituam os elementos do mundo que os circunda, de acordo com o que se pode depreender da fala de Lakoff e Johnson (2009 [1986], p. 39):

Nós chegamos à conclusão de que a metáfora, pelo contrário, impregna a vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também o pensamento e a ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual pensamos e atuamos, é fundamentalmente de natureza metafórica (tradução da autora).³

Com o entendimento de que o pensamento e a linguagem estão intimamente ligados, observamos, na língua, a possibilidade de abordagem de *um veículo complexo para a expressão de pensamentos, sentimentos e conceitos fundamentais que moldam a percepção de mundo de um grupo social* (Dias, 2024, p.1). São os usos situados socialmente que denunciam a utilização de estruturas internalizadas, que fazem parte do conhecimento de mundo dos falantes e demonstram aspectos culturais de determinada língua.

Assim, pela análise das estruturas internalizadas, também denominadas fraseologismos, caracterizadas pela polilexicalidade e fixidez, de acordo com Meiri (2002, p.610), além da idiomaticidade e congruência, analisaremos seus usos e construções. Para tanto, consideramos os aspectos teóricos da vertente francesa da Fraseologia, que tem como principais precursores Salah Meiri e Inès Sfar, a qual apresenta uma trilha consolidada nos estudos realizados no território brasileiro.

Além de uma abordagem semântico-lexical para a análise dos fraseologismos aqui estudados, propõe-se uma observação da variação linguística de caráter diatópico na distribuição das ocorrências dessas variantes linguísticas. Estas apresentaram-se no território do estado de São Paulo, lugar de recolha dos dados

³ *Nosotros hemos llegado a la conclusión de que la metáfora, por el contrario, impregna la vida cotidiana, no solamente el lenguaje, sino también el pensamiento y la acción. Nuestro sistema conceptual ordinario, en términos del cual pensamos y actuamos, es fundamentalmente de naturaleza metafórica.* (Lakoff e Johnson, 2009 [1986], p. 39)

aqui utilizados, de forma a constituir certa arealidade, trazendo a possibilidade de formação de uma subárea lexical, como já observado por Alves e Paim (2022).

Para esse fim, fazendo a utilização de dados recolhidos *in loco*, lançamos mão dos pressupostos teórico-metodológicos da Geolinguística pluridimensional, método por excelência dos estudos de caráter dialetal, descritos por Cardoso (2010) e Paim (2019), adotados, também, na metodologia do Projeto ALiB. Desse modo, a partir da audição dos inquéritos linguísticos aplicados em 38 municípios, distribuídas em todo o território do estado de São Paulo, foi feito o levantamento das respostas para o já referido item lexical, pertencente à área semântica *ciclos da vida*, do QSL - ALiB. Deve-se destacar que os dados linguísticos utilizados neste trabalho são fruto dos planos de atividade de Iniciação científica desenvolvidos pela autora, realizados na Universidade Federal Rural de Pernambuco, sob orientação da professora Marcela Moura Torres Paim.

Com a finalidade de atender às propostas aqui apresentadas, este trabalho está dividido em cinco seções. A primeira delas consiste nesta introdução, que expõe alguns elementos teóricos e metodológicos que são chave para compreensão desta empreitada. A segunda seção diz respeito à discussão dos aspectos teóricos que fundamentam o trabalho, os quais estão divididos em subseções, como a análise semântico-lexical, no viés da linguística cognitiva, que se volta à análise das metáforas, a discussão dos fraseologismos em sua vertente francesa e abordagem da dialetologia e seu percurso no Brasil, assim como o estudo da variação linguística, em uma perspectiva diatópica. A terceira seção está destinada à apresentação da metodologia empregada, com descrição da rede de pontos utilizada e dos informantes que tornaram possível esta pesquisa. Por fim, tem-se as seções voltadas para a exposição dos resultados que se buscam discutir, com base nas propostas lançadas anteriormente, e as considerações a que chegamos a partir dessa análise.

2 Alguns percursos teóricos

2.1 A fraseologia

Buscando alcançar o entendimento do fenômeno e, também, da disciplina que se volta para sua descrição e análise, devemos retomar alguns passos dados no estudo das estruturas polilexicais, no âmbito da linguística. Para tanto, lançamos

mão da construção de um percurso, tendo em vista uma perspectiva historicamente situada do fenômeno da fraseologia, realizada por Monteiro - Plantin (2014, p. 26). Para a autora, mesmo que não se utilizando dos termos aqui empregados, já no *Curso de linguística geral*, Ferdinand de Saussure afirmava o uso de grupos de signos linguísticos, que também poderiam ser denominados como agrupamentos ou sintagmas, na construção da fala dos indivíduos.

Caminhando junto à linha do tempo feita, os primeiros estudos propriamente voltados à abordagem de estruturas fixas são atribuídos a Charles Bally, na Europa ocidental do início do século XX. Segundo a autora, foi Bally a inaugurar o uso do termo *Fraseologia* como uma disciplina científica. E na sua dedicação ao estudo dessas estruturas, expôs a propriedade da fixidez presente numa composição de signos, os quais poderiam perder seus significados individuais, para adquirir uma nova significação como estrutura composta.

Mas apenas na metade do século XX é observada uma consolidação das bases teóricas para o estudo das estruturas fraseológicas. São linguistas da antiga União Soviética que inauguram a fraseologia como uma disciplina independente, em 1940. Assim, concebe-se a fraseologia como o estudo das unidades polilexicais, que poderá abranger diversos aspectos de análise, desde o fonético - fonológico ao pragmático - discursivo. Essas unidades deverão apresentar, como propriedades, uma relativa estabilidade quanto a sua composição, natureza idiomática e constituir a fala dos indivíduos, fenômeno que pode ocorrer até mesmo de maneira inconsciente.

Para o estudo dos fraseologismos, algumas abordagens foram constituídas ao longo do tempo. No Brasil, as vertentes espanhola e francesa recebem destaque, sendo diferenciadas pelo seu objeto de estudo, de acordo Paim, Sfar e Mejri (2018, p. 38). A partir disso, compreende-se o fato de que a primeira está voltada para o estudo de provérbios, e a segunda recobre o estudo de estruturas polilexicais. Assim, a polilexicalidade constitui-se como um dos elementos essenciais para categorização dos fraseologismos.

É na escola francesa que nos apoiamos teoricamente para a análise da estrutura fraseológica aqui investigada. Para esse fim, recorreremos às proposições de Mejri (2002, p.610) sobre a formação dessas estruturas, que atribui ao processo de fixação, nos eixos sintagmático e paradigmático, como uma das características primordiais para a caracterização dos fraseologismos. Desse modo, entende-se que

alguns signos linguísticos agrupam-se, constituindo uma sintaxe interna, que levará à construção de uma estrutura composta, mais ou menos solidificada, considerando a perspectiva de um *continuum* de fixidez.

Paim (2020, p. 173) elenca algumas características apontadas como essenciais para a ocorrência do fenômeno fraseológico, as quais partem dos fundamentos apresentados por Meiri em anos anteriores:

- i) ser formada por várias palavras; ii) estar institucionalizada, ou seja, convencionalizada devido ao uso frequente; iii) possuir estabilidade, visto que seus componentes mantêm certa ordem; iv) apresentar algumas particularidades semânticas ou sintáticas; e v) ser passível de modificações nos elementos que as integram.

Desse modo o signo linguístico composto construído irá adquirir um novo significado, que não partirá necessariamente das partes que o constituem, pois estas perderam seus significados individuais, mas compreenderá aspectos sociais, históricos e culturais dos indivíduos falantes. São esses elementos que denunciam uma forma de compreender o mundo. Dessa maneira, os falantes fazem uso dos fraseologismos de forma recorrente para nomear o que está ao seu redor, apreendendo-os em contextos de interação social diversos (Dias, 2024, p.2). É no uso cotidiano dessas estruturas, na significação do que está ao seu entorno, que observamos a sua integração ao discurso dos indivíduos falantes de uma determinada língua, em situações comunicativas específicas, demonstrando a sua idiomatidade e congruência.

2.2 O estudo das metáforas sob o viés da semântica cognitiva

Retomamos, nesta seção, a premissa proposta por Marcuschi (2007, p.76), segundo a qual o sentido consiste em um fenômeno constituído socialmente, diretamente ligado aos processos interativos. Vale dizer, portanto, que é nas interações socialmente situadas que os indivíduos fazem uso da linguagem para atribuir conceitos. Nesse ato, significam o mundo, entendendo e representando o que os cerca.

Lakoff e Johnson (2009 [1986], p. 39) tomam o processo de atribuir conceitos, ou conceitualização, de fundamental importância para compreensão da realidade cotidiana dos indivíduos. São nos conceitos construídos, a partir de uma percepção

do mundo, que esses falantes percebem a si mesmos, as pessoas que se relacionam e a realidade social na qual estão inseridos. Ressaltam, ainda, que ao conceitualizar, no ato de entender e representar a realidade, os seres humanos lançam mão, sobretudo, de metáforas. Essas metáforas, segundo os autores, não habitam apenas a fala, mas fazem parte da construção do pensamento e na forma como experienciam o mundo.

Pode-se ressaltar, ainda, o que expõe Ortíz Alvarez (2020, p. 195) acerca das metáforas:

Assim, mais do que um recurso de linguagem, a metáfora se torna uma maneira de conceitualizar as coisas do mundo, vinculada à formação cultural do homem e até à sua constituição biológica e à experiência com o mundo ao seu redor.

Partindo dessa premissa, adotamos o conceito de metáfora apresentado por Hilferty (1993, p. 38), que parte, também, das exposições feitas por Lakoff e Johnson ao longo da década de 1980. O autor defende que as metáforas não devem ser tomadas simplesmente como um jogo de palavras, mas como uma forma de compreender um domínio cognitivo em termos de outro, entendendo-se domínio como “uma espera coerente de conhecimento de natureza enciclopédica”, o qual está permeado do conhecimento linguístico e conhecimento de mundo do indivíduo (Hilferty, 1993, p.37).

Entende-se, no processo de compreensão de um domínio a partir de outro, que existe uma relação entre um domínio - fonte e um domínio - alvo (ou meta), conforme aponta Ferrari (2022, p.92). Ou seja, o falante partirá de um domínio cognitivo (fonte), o qual será utilizado para representar o que está em um outro domínio cognitivo (alvo). Segundo a autora, é observado no domínio - fonte a representação de conceitos mais concretos, com características físicas mais palpáveis, ao passo que no domínio - alvo observam-se representações muito mais abstratas. Com o objetivo de tornar um conceito, em termos linguísticos, mais acessível, o falante utiliza um domínio cognitivo mais concreto para buscar alcançar um conceito presente em um domínio mais abstrato.

Para exemplificação do processo, utilizamos a explanação feita por Ferrari (2022, p. 94) a respeito das metáforas sobre o tempo. A autora faz uso de domínios experienciais mais palpáveis, como o uso do dinheiro, para melhor entender a noção de tempo, que se encontra em um domínio bastante abstrato. Para tanto, expõem os

exemplos: “Estou *perdendo* tempo”, “Essa máquina vai fazer você *poupar* tempo” e “Como você *gasta* seu tempo?”. A partir disso, afirma:

Em suma, a linguagem usada para falar de conceitos abstratos como O TEMPO não é poética, retórica ou rebuscada. Falamos dessa forma porque concebemos os eventos temporais como projeções de áreas relativamente concretas de nossa experiência física, de base sensório-motora. (Ferrari, 2022, p. 24)

Compreendemos que as noções sobre o tempo expostas nas frases exemplificadas tornam-se muito mais apreensíveis quando relacionadas aos conceitos de um domínio cognitivo mais concreto, a partir da utilização dos verbos “perdendo”, “poupar” e “gastar”, relacionados ao uso do dinheiro no cotidiano. O exemplo apresentado pela autora pode ser relacionado aos fenômenos observados neste estudo, nos quais é possível observar o emprego de expressões pertencentes a outro campo de conhecimento, utilizadas no ato de nomear relações sociais específicas, as quais tornam os conceitos representados mais apreensíveis nos usos cotidiano da língua.

2.3 A variação dialetal e sua ênfase diatópica

Nos mais diversos contextos comunicativos, pode-se contemplar uma multiplicidade de usos da língua. Esses usos estão intimamente relacionados aos indivíduos falantes, suas experiências, os conceitos que constroem nas vivências em sociedade, assim como sua forma de perceber e compreender o mundo. Desse modo, concebe-se que a língua recobre-se de variações, para atender às necessidades comunicativas das pessoas que a utilizam. A esse respeito, Paim (2019, p.29) afirma:

Tudo é diverso no universo. Inclusive, os usos da língua. Em todas interações, os usuários da língua convivem com a variação, que é uma propriedade inerente a qualquer língua (viva) e pode observar-se quer sincronicamente, manifestando-se quer como diversidade dialetal ou sociolinguística, quer historicamente, revestindo, então, a função de mudança linguística.

Acerca da diversidade dialetal, vale dizer que se refere aos usos linguísticos empregados de forma harmônica por um grupo de indivíduos, em um determinado espaço. Assim, é do interesse da dialetologia ocupar-se da investigação dessa variação da língua, sobretudo, os usos que se agrupam em espaços geográficos. Nessa abordagem, busca-se identificar, descrever e analisar fenômenos linguísticos,

atestando sua presença ou ausência, que permitam o conhecimento da diversidade linguística em um local estudado (Cardoso, 2010, p. 45).

A variação linguística de caráter geográfico, também conhecida nominalmente como variação diatópica, ganha destaque, de acordo com a referida autora, por proporcionar à investigação dos fenômenos linguísticos uma maior nitidez na percepção dos fatos. Para esse feito, a dialetologia utiliza-se de um método de investigação e análise, a geolinguística, que nas últimas décadas do século XX incorpora dos preceitos sociolinguísticos, incluindo em seu escopo de análise elementos como idade, sexo e escolaridade, variáveis que fornecem um retrato da diversidade dialetal, somados ao aspecto diatópico.

A geografia linguística toma, como resultado a ser alcançado, a elaboração de cartas linguísticas, que podem ser reunidas para compor atlas linguísticos. Esses atlas poderão apresentar-se como de maior ou menor domínio, a depender da extensão do território estudado. Os atlas linguísticos constituem-se como um importante recurso para a descrição das variedades de uma língua específica, oferecendo diversas vantagens, de acordo com o que expõe Rossi (1967), por apresentarem clareza nas evidências encontradas, assim como homogeneidade e uma relevante densidade de pontos incorporados. Ressalta, ainda, que os atlas podem não apresentar alguns aspectos mais pontuais quanto à investigação linguística, mas são pontos de partida para estudos mais específicos.

2.3.1 O estudo da variação dialetal no Brasil e o Projeto ALiB

No contexto brasileiro, os estudos dialetais apresentam-se divididos em fases, diferenciadas pela natureza das investigações que predominam em cada uma delas. Para essa divisão, adotou-se, neste trabalho, a proposta de Teles (2018, p.81), que reúne as propostas feitas anteriormente, por outros dialetólogos, entre 1952 e 2006. Em cada uma delas, observa-se uma percepção de uma abordagem dos estudos dialetais, as quais apontam para a elaboração de um atlas linguístico do Brasil. A proposta de Teles abrangerá todas as tendências identificadas e incluirá outra fase, a quinta, que parte dos avanços observados nos métodos de elaboração da cartografia linguística, já utilizados no primeiro volume do Atlas Linguístico do Brasil (Caroso *et al*, 2014).

Considerando a sistematização das investigações de caráter dialetal empreendidas, compreende-se a formação de uma primeira fase entre meados do século XIX e a segunda década do século XX, na qual foram observadas as produções voltadas, principalmente, ao estudo do léxico. A segunda fase, que se inaugura com a publicação da obra de Amadeu Amaral, *O dialeto caipira*, permite a verificação de uma ampliação dos níveis de investigação linguística, abrangendo, também, estudos de caráter fonético - fonológico e morfossintático.

A terceira fase coincide com o Decreto 30.643/52, que direciona à Casa de Rui Barbosa a tarefa de elaborar um atlas linguístico do Brasil. Apesar do empreendimento não se cumprir naquele momento, essa determinação proporcionou a criação de uma mentalidade dialetológica e o estabelecimento de um método geolinguístico, que viria a ser aplicado em diversos atlas de pequeno domínio elaborados a partir desse momento. A quarta fase, que antecede a fase atual, começa com a retomada do projeto de elaboração do atlas nacional, em 1996, e consequente estabelecimento de uma metodologia e realização dos passos que levaram até a publicação do terceiro volume, em 2023 (Mota; Ribeiro; Oliveira, 2023).

Após a retomada do projeto, e empreendimento das ações lançadas como meta para alcançar a produção do Atlas Linguístico do Brasil, é notável o crescimento dos trabalhos de cunho monográfico, atlas de estados e regiões, artigos, entre outras produções. Essas produções lançam mão, em sua maioria, do Banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, para descrição do português falado no Brasil. Neste trabalho, utilizam-se os pressupostos teóricos e metodológicos que subjazem o Projeto ALiB, assim como os dados recolhidos *in loco*.

3 Metodologia

Este trabalho está fundamentado nos pressupostos teórico-metodológicos da Geolinguística Pluridimensional, apresentados por Cardoso (2010) e Paim (2019), considerando, para o tratamento da variação linguística, aspectos como faixa etária, sexo e escolaridade dos informantes, somados à observação diatópica, característica do método. De acordo com a proposta esboçada na primeira seção, para alcançar os resultados buscados, fez-se um recorte de 37 localidades da rede

de pontos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), referente aos pontos 150 a 187, de acordo com a Carta VII (Cardoso *et al*, 2014), apresentada a seguir, os quais são referentes aos municípios de Jales, Votuporanga, São José do Rio Preto, Barretos, Franca, Andradina, Araçatuba, Ribeirão Preto, Lins, Ibitinga, Mococa, Presidente Epitácio, Adamantina, Araraquara, Teodoro Sampaio, Presidente Prudente, Marília, Bauru, Moji Mirim, Assis, Bernardino de Campos, Botucatu, Piracicaba, Campinas, Bragança Paulista, Taubaté, Guaratinguetá, Itapetininga, Sorocaba, São Paulo, Caraguatatuba, Itararé, Capão Bonito, Itanhaém, Santos, Ribeira, Registro e Cananéia, pertencentes ao estado de São Paulo.

Figura 1: Carta VII - Rede de pontos (Região Sudeste)



Fonte: Cardoso *et al* (2014).

A escolha dessas localidades no escopo do Projeto ALiB seguiu critérios como: a existência de áreas dialetais já delimitadas em estudos realizados anteriormente; a importância da localidade no Estado ou Região; e os limites interestaduais e internacionais. Isto posto, constituiu-se uma rede composta por 250

localidades, sendo 25 capitais de Estado, representativas da realidade linguística brasileira. Entre estas, 134 estão em conformidade com os 601 pontos sugeridos por Nascentes (1958) e 37 apresentando casos de coincidência com atlas regionais já publicados, de acordo com Mota e Cardoso (2000).

Para seleção dos informantes, seguimos os pressupostos do já referido método adotado neste trabalho. Foram selecionados quatro informantes por localidade, com exceção da capital do Estado, na qual, para observação da variação diastrática, foram considerados oito informantes. Esses informantes são divididos, equitativamente, nas faixas etárias I e II, 18 – 30 anos e 50 – 65 anos, respectivamente; nível de escolaridade fundamental completo e fundamental e universitário completo em capitais; entre homens e mulheres. Ao todo, o banco de dados do Projeto ALiB conta com 1100 informantes, cujas falas foram consideradas para desenvolvimento desta pesquisa.

Para seleção dos informantes, alguns aspectos foram considerados, como: serem naturais da região linguística pesquisada; não apresentar afastamento da localidade por mais de um terço de sua vida e a não coincidência desse período com os cinco primeiros anos de vida. Os dados analisados neste trabalho foram obtidos a partir da escuta e transcrição dos inquiridos do Projeto ALiB, que dizem respeito à aplicação de questionário linguístico a esses informantes, o qual contempla as seguintes áreas de observação: semântica-lexical; fonético-fonológica; morfossintática; prosódia; pragmática; e, ainda, apresenta questões para discurso semidirigido, visando à obtenção de uma fala mais espontânea dos informantes, e texto para leitura, intitulado *Parábola dos sete vimes*. Neste estudo, foram considerados os dados provenientes do Questionário Semântico-lexical – QSL, pertencentes à área semântica *ciclos da vida*, questão 131, que apresenta como possibilidade de formulação “como se chama o filho que nasce por último?” (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001).

Além da metodologia de caráter geolinguístico aplicada no desenvolvimento do trabalho, lançamos mão dos pressupostos teóricos dos estudos lexicais, no que diz respeito à análise de estruturas fraseológicas, considerando a vertente francesa (Mejri, 2002). Considerando os fraseologismos analisados, buscamos construir uma discussão em uma abordagem semântico-cognitiva, para observação e análise do conhecimento metafórico dos informantes do Projeto, tendo em vista as proposições

presentes na literatura correspondente: Lakoff e Johnson (2009 [1986]), Ortíz Alvarez (2020), Hilferty (1993), Marcuschi (2007) e Ferrari (2022).

Para a obtenção dos dados já citados, foi realizada a escuta dos inquéritos linguísticos e transcrição grafemática das respostas dos informantes. Esses dados foram dispostos em uma tabela de análise, juntamente com os trechos dos inquéritos correspondentes. Foi realizada uma análise do fenômeno de caráter diatópico, tendo em vista a disposição das variantes linguísticas encontradas, além da identificação da ocorrência de estruturas fraseológicas para designação do referente estudado. Essas estruturas, juntamente às outras variantes, foram analisadas considerando sua distribuição espacial. A partir desses dados, foi construída a cartografia linguística, para demonstrar espacialmente a ocorrência das variantes encontradas, ademais da tabulação, para apresentar a variável estudada em sua materialidade enquanto fenômeno linguístico. As estruturas fraseológicas receberam uma discussão para além do caráter geolinguístico, como mencionado anteriormente.

4 Um estudo do fraseologismo *raspa do tacho*: uma abordagem diatópica e semântico - cognitiva

4.1 Difusão das variantes lexicais no estado de São Paulo

Com escuta dos inquéritos linguísticos, fez-se o levantamento das variantes lexicais referentes à questão 131 do QSL - ALiB, que se volta à verificação das diferentes formas de nomear *o filho que nasce por último*. Nas 37 localidades investigadas, correspondentes aos pontos localizados no estado de São Paulo, foram observadas 186 respostas, divididas entre as 7 variantes lexicais para o item estudado, as quais são elencadas no Quadro 1. Foi possível verificar a distribuição das variantes por localidade estudada, assim como sua produtividade, considerando as respostas fornecidas pelos informantes.

Quadro 1: Produtividade geral das variantes para o QSL - 131

	Variantes identificadas por localidade
--	--

Localidades	Caçula	Mais novo	Raspa do tacho (agrupamento)	Último filho (agrupamento)	Derradeiro	Júnior	Filhinho de pai	N.S/N.L ⁴
150 - Jales	42,86%	0,00%	57,14%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
151 - Votuporanga	80,00%	20,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
152 - São José do Rio Preto	80,00%	20,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
153 - Barretos	60,00%	20,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	20,00%
154 - Franca	100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
155 - Andradina	60,00%	20,00%	0,00%	20,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
156 - Araçatuba	50,00%	33,33%	16,67%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
157 - Ribeirão Preto	100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
158 - Lins	60,00%	20,00%	20,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
159 - Ibitinga	100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
160 - Mococa	100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
161 - Presidente Epitácio	75,00%	25,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
162 - Adamantina	50,00%	16,67%	16,67%	16,67%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
163 - Araraquara	100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
164 - Teodoro Sampaio	100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
165 - Presidente Prudente	75,00%	0,00%	25,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
166 - Marília	50,00%	16,67%	16,67%	0,00%	16,67%	0,00%	0,00%	0,00%
167 - Bauru	100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
168 - Moji Mirim	60,00%	0,00%	0,00%	20,00%	0,00%	20,00%	0,00%	0,00%
169 - Assis	100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%

⁴ Abreviações para “não sabe” (N.S.) e “não lembra” (N.L.).

170 - Bernardino de Campos	50,00%	0,00%	33,33%	0,00%	16,67%	0,00%	0,00%	0,00%
171 - Botucatu	100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
172 - Piracicaba	80,00%	20,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
173 - Campinas	100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
174 - Bragança Paulista	66,67%	16,67%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	16,67%	0,00%
175 - Taubaté	66,67%	16,67%	16,67%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
176 - Guaratinguetá	60,00%	20,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	20,00%
177 - Itapetinga	60,00%	20,00%	20,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
178 - Sorocaba	50,00%	0,00%	16,67%	33,33%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
179 - São Paulo	80,00%	10,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	10,00%
180 - Caraguatatuba	60,00%	20,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	20,00%
181 - Itararé	60,00%	0,00%	0,00%	20,00%	0,00%	0,00%	0,00%	20,00%
182 - Capão Bonito	80,00%	0,00%	20,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
183 - Itanhaém	100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
184 - Santos	66,67%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	33,33%
185 - Ribeira	80,00%	20,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
186 - Registro	100,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
187 - Cananéia	75,00%	0,00%	0,00%	0,00%	25,00%	0,00%	0,00%	0,00%

Fonte: Banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

Entre essas variantes, deve-se destacar a variante *caçula*, que se mostrou mais produtiva, de acordo com a produtividade geral observada (Quadro 2), tendo em vista sua utilização para nomear o item 131. À variante *caçula*, seguem-se as

lexias *mais novo* e o agrupamento de fraseologismos *raspa do tacho*, que compreende formas como *raspa*, *resto* e *fundo do tacho*.

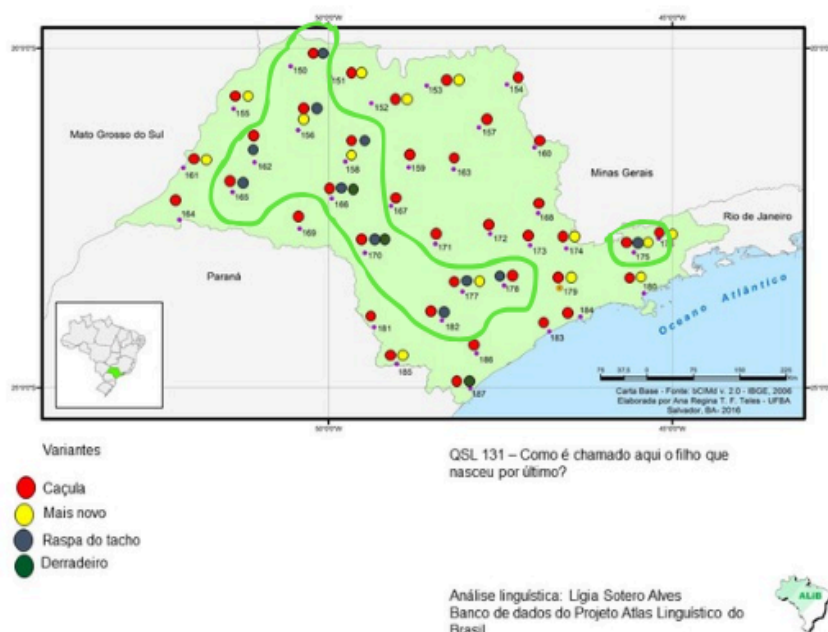
Quadro 2: Variantes mais produtivas nas respostas para o QSL - 131

Produtividade geral das variantes lexicais								
	Caçula	Mais novo	Raspa do tacho (agrupamento)	Último filho (agrupamento)	Derradeiro	Júnior	Filhinho de papai	N.S/N.L
Total de ocorrências da variante	73,12%	9,68%	8,06%	3,23%	1,61%	0,54%	0,54%	3,23%

Fonte: Banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

Tomando os dados expostos nos supracitados quadros, pode-se direcionar um olhar mais específico para as ocorrências da variante *raspa do tacho*, alvo da investigação aqui exposta. A partir da análise do Quadro 1, é possível identificar a sua presença na fala de informantes de 11 localidades. Entre essas, merece destaque o município de Jales, ponto 150, no qual foi verificada uma produtividade de 57, 14%, a maior, considerando a difusão da lexia. Este ponto chama atenção por trazer, na fala dos 4 informantes, a resposta *raspa do tacho* para a questão 131, a qual convive com a variante *caçula*.

Imagem 2: Carta linguística experimental (QSL - 131)



Fonte: Banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

A difusão das variantes lexicais mostra-se de maneira muito mais nítida da carta linguística experimental, a qual foi elaborada com o objetivo de evidenciar a variação diatópica do fraseologismo em questão (Imagem 2), assim como das demais variantes identificadas. Na observação do recurso apresentado para a revelação dos dados, reafirma-se o que expõe Rossi (1967) a respeito do uso do método da cartografia linguística para exposição dos fenômenos dialetais. Tornou-se viável apresentar a variação linguística de caráter dialetal, pois o método, de fato, permite a abrangência de uma densidade maior de pontos e apresenta, de forma clara e acessível, o fenômeno da variação.

Pode-se notar, pela observação da carta linguística apresentada, que os dados expostos no Quadro 1 confirmam-se. A variante *caçula* - em vermelho - está claramente difundida por todo o estado de São Paulo. Na carta, buscou-se representar as variantes que se mostraram mais produtivas, portanto, é possível observar, também, as variantes *mais novo*, *raspa do tacho* e *derradeiro*.

Essas variantes convivem em suas ocorrências ao longo do território contemplado, demonstrando a diversidade dialetal nas localidades que compõem o *corpus* deste trabalho. Com relação à variante *raspa do tacho*, buscou-se verificar a sua presença ou ausência nas localidades, para identificar a variação linguística nesse espaço geográfico, de acordo com as proposições de Cardoso (2010, p.45). Assim, percebe-se uma certa homogeneidade em uma determinada área, segundo as ocorrências da variante, sendo possível construir uma espécie de linha imaginária que indica a formação de uma possível subárea dialetal, fenômeno constatado, também, por Alves e Paim (2022), também no estado de São Paulo, e por Paim (2020, p. 186), em capitais da região sudeste e centro-oeste.

4.2 O fraseologismo *raspa do tacho*

Acerca das estruturas polilexicais verificadas na fala dos informantes do Projeto ALiB, como forma de referir-se ao *filho que nasce por último*, pode-se observar algumas variantes para a expressão *raspa do tacho*. Constatou-se que a estrutura polilexical apresenta o padrão de formação, em todas as suas variantes, substantivo + preposição + substantivo. É no eixo paradigmático que se evidencia a

possibilidade de mudança quanto aos substantivos *raspa*, *resto* e *fundo*, conforme o Quadro 3.

Quadro 3: Variantes estruturais paradigmáticas para o fraseologismo *raspa do tacho*

Variantes paradigmáticas	
Raspa	do tacho
Resto	
Fundo	

Fonte: Banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

A compreensão desse fato, considerando as propriedades das estruturas fraseológicas, pode ser atribuída ao entendimento do processo de fixação - ou congelamento - exposto por Mejrí (2002). Como mencionado, a abordagem do autor permite o entendimento do fenômeno de agrupamento de estruturas lexicais como situado num *continuum* de fixidez. Assim, constatou-se que a estrutura fraseológica *raspa do tacho* pode ser considerada menos fixa, uma vez que permite a permuta dos substantivos iniciais por sinônimos, sem perda do sentido total. Além disso, as estruturas compostas formadas, em todas as possibilidades de construção, constituem sintagmas coerentes, atendendo à congruência que se espera observar nos fraseologismos.

Com relação às demais propriedades elencadas, os dados demonstram que o uso da variante está difundido na fala dos indivíduos. Nesses usos, assume um novo significado com a junção dos termos. Mostra-se, com isso, incorporado nos discursos, compondo o repertório linguístico de uso cotidiano dos falantes. De maneira inconsciente, estes fornecem a variante fraseológica como forma de nomear uma condição, um papel social, fato que reflete o quanto essa estrutura está impregnada de sentidos atribuídos socialmente. Nos discursos dos informantes, evidencia-se a naturalidade com que elegem as estruturas apresentadas, como é possível notar nos trechos de inquéritos expostos a seguir.

Exemplo 1:

INQ. - E... como é que vocês chamam o filho que nasce por último?

INF. - É... aqui a gente chama, é o filho mais velho, né?

INQ. - Por último.

INF. - Ah, sim. Eu tô confundindo com o primeiro. Eu sou o que nasceu por último, eu sou o caçula da família, o resto do tacho, né? Aqui a gente... (risadas).

(Homem, faixa - etária I, Jales - SP)

Exemplo 2:

INQ. - E o filho que nasceu por último, vocês chamam do que?

INF. - Rapinha do tacho.

INQ. - Rapinha do tacho? (risadas) Cê já tem uma rapinha do tacho?

INF. - Não, ainda não (risadas).

(Mulher, faixa - etária I, Jales SP)

Exemplo 3:

INQ. - É... e o filho que nasceu por último, como é que o senhor chama?

INF. - Caçula. **INQ.**- Uhum. Tem mais algum nome?

INQ. - Além de caçula.

INQ. - É... **INF.** - Fun... Fundo do tacho (risadas).

INQ. - Oh dó desse último, né? (risadas).

(Homem, faixa - etária II, Jales - SP)

Exemplo 4:

INQ. - E o filho que nasceu por último, cês chamam do que?

INF. - Caçula.

INQ. - Caçula. Mais algum?

INF. - Caçu... rapinha de tacho.

INQ. - Rapinha de tacho.

(Mulher, faixa - etária II, Jales - SP).

A partir dos trechos apresentados, verifica-se que a estrutura fraseológica *raspa do tacho*, e suas variantes, compõem a fala das pessoas entrevistadas em uma mesma localidade. Esse fato confirma o caráter idiomático da expressão, assim como traz a possibilidade de levantar hipóteses sobre as motivações desses informantes para o seu uso. A partir dessa observação, é concebível atribuir parte desses usos aos aspectos históricos - sociais da própria região estudada, que

podem vir a ser investigados, para um melhor entendimento da influência de elementos culturais na constituição desse fraseologismo.

4.3 *Raspa do tacho* e a construção de metáforas: algumas reflexões possíveis

Outra perspectiva que pode ser tomada, para compreensão dos usos da expressão *raspa do tacho*, é sua análise enquanto metáfora, utilizada para representar o fato de uma criança ser a última a nascer. Essa abordagem não se distancia das influências das vivências cotidianas dos indivíduos falantes, que incidem em seus usos da língua. Pelo contrário, estão intimamente ligados às formas como compreendem as relações que estruturam as vivências da sociedade na qual estão inseridos. Em vista disso, observamos um fato linguístico que afirma o pensar metafórico do ser humano e, conseqüentemente, o uso de metáforas na linguagem cotidiana.

Partindo do conceito de metáfora apresentado, pode-se depreender que o fraseologismo *raspa de tacho* atende ao processo de representar um conceito em termos de outro. É possível estruturar a relação entre raspar um tacho e ser o último filho de alguém como domínios cognitivos fonte e meta, respectivamente. No ato de conceitualizar essa relação social, os indivíduos utilizam-se de um domínio cognitivo mais concreto, que incide no ação de retirar o que resta de um tacho, processo comum na fabricação de queijo, por exemplo, com o fato de ser o último filho a nascer e, por isso, assumir o papel social de último a constituir um grupo de irmãos, portanto, um domínio cognitivo mais abstrato. Ao trazer conceitos mais palpáveis à representação que buscam alcançar, os falantes tornam o significado que buscam comunicar muito mais acessível, numa perspectiva da linguagem, às pessoas com as quais se comunica no cotidiano.

5 Considerações finais

Com base nos resultados e discussões alcançados, que buscaram atender às propostas lançadas na introdução deste trabalho, algumas considerações acerca do fraseologismo *raspa do tacho* podem ser feitas. Quanto à diatopia verificada na difusão da variante, foram reafirmadas as propostas feitas em trabalhos anteriores quanto à possibilidade de construir um traçado imaginário para delimitar uma subárea dialetal. Nos pontos em que essa variante fez-se presente, observamos a

existência de outras, também produtivas, que convivem na fala dos informantes entrevistados. Esse fato denuncia, inclusive, a diversidade dialetal das localidades investigadas.

Quanto à caracterização e discussão das estruturas fraseológicas que se agrupam na variante *raspa do tacho*, concebeu-se que a estrutura composta, observada na fala dos indivíduos, atende às propriedades características dos fraseologismos. As estruturas apresentam a polilexicalidade característica, estão difundidas na fala dos informantes, indicando possível institucionalização, constituem-se de forma estável, com uma sintaxe interna específica, nas variedades encontradas, e encontram-se num *continuum* de fixidez, dentro do qual se permite o câmbio do substantivo inicial, sem comprometimento de sentido do todo.

Buscou-se, ainda, fornecer uma abordagem de compreensão do uso dessas estruturas, tendo em vista o conhecimento metafórico dos informantes. Foi constatado que os falantes da língua portuguesa que utilizam essa estrutura, possivelmente, recorrem ao processo de elaboração de metáforas para significar e representar linguisticamente a relação social que se busca denotar. Ao empregarem o fraseologismo *raspa do tacho* para designar *o filho que nasce por último*, fazem uso de um conceito mais apreensível, para, em termos deste, representar outro, trazendo as relações sociais para um domínio mais material e, portanto, acessível. Deve-se, ademais, destacar que a utilização dessa expressão específica pode denunciar aspectos históricos e culturais que recobrem a experiência da realidade social dos falantes, que incide diretamente nos usos que fazem da língua.

Este estudo justifica-se, ainda, pela importância do conhecimento da variedade linguística do Português falado no Brasil, assim como sua descrição e análise. Essa mesma variedade também faz-se presente no chão da escola, considerando as diferentes formas lexicais que os estudantes utilizam para designar o que os cerca. Assim, contribuimos para o combate ao preconceito linguístico, além de fornecer dados que são úteis para adaptações no material didático e na dinâmica da aula de português, a qual também deve contemplar a variação linguística em seu escopo. Dessa maneira, observamos a construção de bases científicas para adaptações teórico-metodológicas necessárias, como observam Paim e Almeida (2019).

Referências Bibliográficas

- ALVES, Lígia Sotero; PAIM, Marcela Moura Torres. **A variação diatópica nas denominações para o filho que nasce por último no estado de São Paulo.** Anais do II Congresso Nacional em Estudos Interdisciplinares da Linguagem... Campina Grande: Realize Editora, 2022.
- CARDOSO, Suzana Alice. et al. **Atlas linguístico do Brasil.** Cartas linguísticas 1, vol. 2. Londrina EDUEL, 2014.
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010, 198 p.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. **Atlas Linguístico do Brasil: questionário 2001.** Londrina: Editora UEL, 2001. 56 p.
- DIAS, Cecília Maria Tavares. **Fraseologia dialetal nas capitais do Norte e Nordeste do Brasil: um estudo geossociolinguístico.** 2023. 203 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2023.
- FERRARI, Lilian. **Introdução à linguística cognitiva.** São Paulo: Contexto, 2022. 171 p.
- HILFERTY, Joseph. Semántica lingüística y cognición. **Verba:** Anuario galego de filoloxia, Barcelona, v. 20, p. 29-44, 1993.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaforas de la vida cotidiana.** 8. ed. Madrid: Catedra, 2009. 285 p.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. 176 p.
- MEJRI, Salah. Figement et dénomination. **Meta**, [S.L.], v. 45, n. 4, p. 609-621, 2 out. 2002. Consortium Erudit. <http://dx.doi.org/10.7202/003611ar>.
- MONTEIRO - PLANTIN, Rosemeiri Selma. **Fraseologia: era uma vez um patinho feio no ensino da língua materna (Volume I).** Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceará, 2014. 309 p.
- MOTA, Jacyra Andrade; RIBEIRO, Silvana Soares Costa; OLIVEIRA, Josane Moreira de. **Atlas Linguístico do Brasil: comentários às cartas linguísticas 1.** Londrina: Eduel, 2023.
- ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. Expressões idiomáticas e seus significados metafóricos e pragmáticos. In: RAZKY, Abdelhak; OLIVEIRA, Marilucia Barros de;

LIMA, Alcides Fernandes de (org.). **Estudos Geossociolinguísticos do Português Brasileiro**: volume 2. Campinas: Pontes, 2020. p. 191-216.

PAIM, Marcela Moura Torres. Os fraseologismos nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. In: RAZKY, Abdelhak; OLIVEIRA, Marilucia Barros de; LIMA, Alcides Fernandes de (org.). **Estudos Geossociolinguísticos do Português Brasileiro**: volume 2. Campinas: Pontes, 2020. p. 169-189.

PAIM, Marcela Moura Torres. **Tudo é Diverso no Universo**. Salvador: Quarteto, 2019.

PAIM, Marcela Moura Torres; ALMEIDA, Laura Camila Brás. A importância do Atlas Linguístico do Brasil para o ensino de língua portuguesa. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 6, p. 169-177, 2019.

PAIM, Marcela Moura Torres; SFAR, Inès; MEJRI, Salah. **Nas Trilhas da Fraseologia**: a partir de dados orais de natureza geolinguística. Salvador: Quarteto, 2018. 233 p.

ROSSI, Nelson. A Dialectologia. In: I SEMINÁRIO DE LINGUÍSTICA DE MARÍLIA, 11., 1966, Marília. **Alfa: revista de Linguística**. Marília: FFCL de Marília, 1967. p. 89-115.

TELES, Ana Regina Torres Ferreira. **Cartografia e Georreferenciamento na Geolinguística**: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes. 2018. 485 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.